

## **Comportamento Verbal e Não Verbal em Grupos Focais: Análise de Micro Interloquções**

**Daniela Borges Lima de Souza, Sônia Maria Guedes Gondim e Gardênia da Silva Abbad**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar um exemplo de análise de dados em grupo focal que contempla análise de comportamentos não verbais e verbais. Essa análise, nomeada como “análise de microinterloquções”, além de identificar respostas decorrentes do coletivo, também integra dados não verbais e processuais do processo de interlocação em dois níveis de análise: individual e grupal. Três outras contribuições metodológicas decorrem do presente trabalho: a) apresentação de um exemplo de análise integrada de verbalizações e comunicações não verbais em dados provenientes de grupos focais; b) sistematização, de forma integrada, de respostas individuais e coletivas; c) sugestão de diagrama e quadros-resumo como facilitadores e integradores dos dados provenientes de diferentes fontes humanas, o que possibilita identificar respostas coletivas de compartilhamento e de discordância. O exemplo de aplicação que será usado na discussão deste artigo é parte das atividades de tese de doutoramento sobre Avaliação de Impacto de Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social, do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS) da Universidade Federal da Bahia. Os resultados obtidos fomentaram análises do referencial teórico e identificação de lacunas existentes nesse contexto teórico.

### **Palavras-chave**

Grupos Focais. Análise de Microinterloquções. Avaliação de Impacto. Mestrados Profissionais. Gestão Social.

### **Abstract**

The article discusses the analysis of nonverbal and verbal behaviors in focus groups, which is called micro-interlocutor analysis. It also offers three other methodological contributions: (a) presentation of an example of integrated analysis of verbal and nonverbal communication in data from focus groups, (b) systematization, in an integrated manner, of individual and collective

responses, (c) suggested diagram and summary tables as facilitators and integrators of data coming from different human sources, which enable the identification of collective sharing and disagreement responses. The application example that will be used in the discussion presented in this article is part of the doctoral thesis activities on Impact Assessment within a Professional Master's Program in Social Development and Management, from the Interdisciplinary Center for Development and Social Management (CIAGS), at the Federal University of Bahia. The results observed prompted analyses of the theoretical framework and identification of existing gaps in this theoretical context.

**Keywords** Focus Groups. Micro-interlocutor Analysis. Impact Assessment. Professional Master's Program. Social Management.

## INTRODUÇÃO

O renovado interesse pela pesquisa qualitativa nas últimas décadas tornou-se visível pelo aumento do número de periódicos e de publicações dedicadas a essa abordagem de pesquisa (MORGAN, 2001; GONDIM; ARAÚJO, 2013). Além disso, cresce também o número de pesquisas que adotam abordagem multimétodos, procurando usufruir dos benefícios tanto da abordagem quantitativa, quanto da qualitativa. Esse interesse renovado pelo uso de técnicas de abordagens qualitativas para compreender fenômenos sociais compele os pesquisadores e defensores dessa abordagem a investirem na redação de artigos metodológicos que orientem procedimentos para a análise de dados qualitativos, um de seus maiores desafios.

Para lidar com a abundância e a riqueza de informações geradas pelas abordagens qualitativas é preciso investir em tecnologias de simplificação e análise, a fim de facilitar a interpretação e difusão do conhecimento gerado. O presente artigo vem ao encontro dessa tendência, com enfoque específico na técnica de grupos focais que, apesar de amplamente difundida nas últimas duas décadas, principalmente para estudos na área de saúde e educação, ainda se defronta com a dificuldade de encontrar padrões mais sistemáticos de procedimentos de análise de dados.

Em síntese, o objetivo deste artigo é apresentar um exemplo de análise de dados em grupo focal que contempla análise de comportamentos não verbais e verbais. Essa análise, nomeada como “análise de microinterlocuções”, além de identificar respostas decorrentes do coletivo, também integra dados não verbais e processuais do processo de interlocução em dois níveis de análise: individual e grupal.

Outro aspecto do cenário atual em metodologia qualitativa que será tratado neste artigo é a possibilidade de uma abordagem dessa natureza incorporar elementos quantitativos. Durante décadas, a proposição de desenhos de pesquisa que faziam uso de métodos de análise mistos foi criticada por aqueles que argumentavam que os pressupostos que orientavam

a pesquisa qualitativa e quantitativa pertenciam a paradigmas distintos, incomensuráveis e mutuamente excludentes, gerando inconsistências epistemológicas (COLLINS, 1998; DENZIN, 1997; JOHNSON; ONWUEGBUZIE, 2004).

É fato, no entanto, que, a despeito das dificuldades encontradas na integração de métodos qualitativos e quantitativos e também dos níveis de análise individual e de grupo, muitos pesquisadores têm feito uso de modos combinados de métodos qualitativos e quantitativos para responderem suas perguntas de pesquisa satisfatoriamente (por exemplo, CRESWELL, 2007). Essas dificuldades decorrem, em parte, da pouca orientação disponível na literatura (TASHAKKORI; TEDDLIE, 2003).

Os grupos focais apresentam-se como uma ferramenta bastante usada em pesquisas com métodos mistos. Grupo focal pode ser definido como um método de pesquisa no qual é criado um “*setting*” de interação social entre quatro e doze pessoas, com a finalidade de discutir um tema específico, sob a mediação de um moderador (FONTANA; FREY, 2000). Morgan (2001) afirma que os grupos focais encontram-se incluídos na categoria das entrevistas grupais, embora se distingam dessas em termos de relações entrevistado-entrevistador, estruturação dos procedimentos e diretividade no tipo de condução. Wilkinson (2004, p. 177) acrescenta ainda que grupo focal é uma “técnica de coleta de dados que envolve, essencialmente, um pequeno número de pessoas em um grupo de discussão informal (ou discussões), focado em torno de determinados tópicos ou conjunto de questões”. Em termos de número de participantes, o indicado pela maioria dos autores reside entre 6 a 12 participantes, não obstante, em algumas situações, esse número pode ser reduzido; nesses casos, a alternativa a ser empregada é denominada “minigrupos focais” (WILKINSON, 2004).

Apesar da reconhecida abundância de material publicado sobre a realização de grupos focais, informações específicas sobre a forma de analisar os dados de grupos focais em pesquisas são escassas. No intuito de contribuir para o preenchimento dessa lacuna, este artigo discute aspectos metodológicos da análise de dados de minigrupo focal (apenas três participantes), integrando o nível de análise do indivíduo e do grupo com base num exemplo de aplicação. O exemplo de aplicação que será usado na discussão deste artigo é parte das atividades de tese de doutoramento sobre Avaliação de Impacto de Mestrado Profissional e foi realizado no mês de agosto de 2011, em Salvador, com egressos de Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social, do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS) da Universidade Federal da Bahia.

A primeira seção deste artigo apresenta um breve resumo dos aspectos metodológicos relevantes no uso da técnica qualitativa dos grupos focais. A segunda seção é dedicada a apresentar propostas de análise de grupos por microinterloquções; a terceira seção apresenta e discute um exemplo de análise. A quarta e última seção tece considerações finais sobre os desafios metodológicos e as futuras perspectivas do tema em questão.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS NO PLANEJAMENTO DE GRUPOS FOCAIS

Grupo Focal, segundo Barbour (2009), tem sido comumente empregado de modo intercambiável com as designações: “entrevistas de grupo”, “entrevistas de grupo focal”, “discussões de grupo” e “grupo de foco”. Ainda que existam tais distinções terminológicas, independente da forma como se opte nomear, os grupos focais devem ser compreendidos como uma técnica para coleta de dados em grupos, tendo como requisitos indispensáveis: a) interação - entre os participantes e também com o moderador; b) foco direcionado - isso inclui, planejamento a partir de tópicos (ou questões) que orientem o foco do grupo.

Ao recuperar o histórico do uso de grupos focais em pesquisas, Liamputtong (2011) registra que algumas mudanças ocorreram com o uso dessa técnica ao longo dos anos. Tradicionalmente, grupos focais foram empregados para identificar perguntas de pesquisa e ajudar em questionamentos prévios que levariam à síntese das questões que tivessem pertinência para a investigação. Na década de 1940, essa técnica passou por processo de reestruturação sistemática, após Merton e sua equipe terem conduzido estudo para o Governo dos Estados Unidos, cujo objetivo era identificar o efeito da mídia na percepção das pessoas pelo envolvimento dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Tal reformulação aprimorou a técnica e o uso dos grupos focais e possibilitou que dimensões latentes da complexidade de estímulos sociais presentes nas interações fossem mais bem identificadas e analisadas, visando auxiliar na elaboração de testes quantitativos mais específicos.

Dentre os principais benefícios da utilização de grupos focais na coleta de dados qualitativos, Creswell (2007) cita: a) possibilidade de capturar respostas das pessoas no espaço e tempo real (diversos participantes podem ser envolvidos ao mesmo tempo); b) inclusão de participantes que, em uma situação real, não poderiam ser observados diretamente em ação; c) resgate histórico mais rico do tópico (ou tema) abordado, uma vez que contará com diversas participações de atores envolvidos, em contexto de interações face a face.

O uso de grupos focais em avaliação de programas é recomendado por Krueger e Casey (2010), uma vez que podem ser usados em avaliações tanto somativas (cujo propósito é obter informações para programa já desenvolvido) quanto formativas (caracterizadas pela contínua coleta de dados durante o processo de desenvolvimento do sistema instrucional), sendo de grande ajuda na fase exploratória de análise de contexto e cenário, no momento de desenho de uma intervenção, ou ainda, no momento de avaliar as estratégias e resultados alcançados.

Com base nas classificações de Morgan (1997) e Fern (2001), Gondim (2003) sugere que os grupos focais podem servir a diversos propósitos, sendo sumarizados dois usos principais: o primeiro para fins teóricos, uso que é mais comumente adotado no contexto acadêmico, e um segundo uso, mais empregado em contextos particulares de tomada de decisão e elaboração de planos de ação. No caso do exemplo que serviu de base para a redação deste artigo, o grupo focal foi usado com o duplo objetivo, teórico e de tomada de decisão. Teórico, porque a análise explora se o mestrado profissional atingiu os seus objetivos instrucionais, lançando luz sobre a adequação entre planejamento e operacionalização do ensino; de tomada de decisão, porque a análise dará subsídios para a reorientação do programa de formação no nível do mestrado.

Tendo em vista os objetivos deste artigo e a ampla gama de manuais disponíveis na literatura sobre planejamento de grupos focais, serão apresentados, de modo resumido, os principais aspectos metodológicos a serem levados em consideração na escolha desse método qualitativo de coleta de dados. O Quadro 1 resume esses aspectos.

**Quadro 1** - Sumário dos aspectos metodológicos para realização de grupos focais.

Realização de Grupos Focais			
Autores	Etapas	Objetivos	Orientações Técnicas
Barbour (2009), Johnson e Onwuegbuzie (2004) Krueger, (1994) Krueger e Casey (2000), Onwuegbuzie, Dickinson, Leech e Zoran (2009), Wilkinson, (2004).	1. Planejamento e organização	Delimitar o objetivo do grupo focal. Estabelecer o escopo do grupo focal.	Número de participantes: entre 6 e 12 Duração: entre 1 e 2 horas Frequência: indefinida Moderação: individual ou em equipe Foco do grupo: questões/ tópicos - guia estruturados previamente
	2. Coleta de dados	Identificar informações relevantes a partir das fontes.	Fontes pessoais: indivíduo, grupos e interações Fontes de registro: papel, áudio e imagens
	3. Análise dos dados	Sistematizar os dados levantados na coleta de dados.	Transcrições literais Resumos e transcrições de notas de campo Memória do moderador

Fonte: Revisão bibliográfica realizada em 2011.

Dentre os aspectos metodológicos para a realização de grupos focais está a análise de dados, cujo objetivo precípua é a sistematização de dados capturados no momento da coleta. A análise de dados textuais constitui o escopo deste trabalho e constitui o cerne da discussão que se segue.

## A ANÁLISE DE DADOS DE GRUPOS FOCALIS

Ainda que representem comunicações humanas dotadas de sentido, os dados resultantes de interações humanas são bastante diversos. Variam desde a forma como são coletados (imagem, áudio, texto, vídeo) até a maneira pela qual espelham as reflexões individuais e as comunicações verbais e não verbais existentes na interação humana. Essa diversidade de fontes de informação e de dados fez com que, ao longo do tempo, diversos tipos de análises surgissem na tentativa de equilibrar a equação formada, por um lado, pela riqueza de dados emergentes dos grupos focais e, por outro lado, pela natureza da contribuição dos participantes para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Dada essa diversidade de possibilidades, Flick (2004) aponta que, por conveniência, a opção de pesquisadores é converter todos os dados qualitativos em texto escrito. Tal fato exige muitos recursos de organização e sistematização de dados, a fim de que o volume de dados gerados não inviabilize a pesquisa. Além da organização sistemática dos dados em textos escritos, outro procedimento adotado é o uso de técnicas analíticas que se destinam à agregação de dados, o que facilita a realização de comparações entre dados oriundos de diferentes fontes e meios de coleta de dados, bem como a compreensão do conjunto analisado.

Para os fins deste artigo, será apresentada a técnica de microinterlocuções, a qual se destina à agregação dos dados de grupo, de forma a situar os desafios existentes ao se analisar grupos focais no nível de análise individual e grupal. A análise de dados de grupos focais pode ocorrer a partir de dois eixos de orientação epistemológica: um eixo focado em análises do comportamento verbal e outro em análises do comportamento não verbal.

## **ANÁLISE DE DADOS POR MICROINTERLOCUÇÕES**

A análise de dados por microinterlocuções, proposta por Onwuegbuzie *et al.* (2009), surge como referencial alternativo para análise de dados provenientes de grupos focais e pode ser entendida como um procedimento técnico que integra, analiticamente, os dados da contribuição particular dos indivíduos e da construção coletiva do grupo focal. Integra também elementos verbais e não verbais da comunicação verbal utilizada no grupo focal.

Esse conjunto de dados (individuais e coletivos, verbais e não verbais) é formado de microinterlocuções. Para Bakhtin (1992), uma interlocução é uma situação dialógica construída através dos enunciados nas interações. Geraldi (1997), por sua vez, compartilhou dessa concepção e propôs a definição de interlocução como espaço de produção da linguagem pelos indivíduos em situação de comunicação, contribuições que emergem do universo discursivo e de constituição desses sujeitos.

A proposta dessa análise está amparada no fato de que alguns fenômenos, por natureza, são grupais, e outros, individuais, sendo que grupos focais, pela sua riqueza de interlocuções, permitem a identificação de variáveis nos dois níveis. A análise de microinterlocução é, portanto, uma proposta integrativa, na qual os dados dos grupos focais são analisados a partir de matrizes e organizadores gráficos.

Quatro etapas são sugeridas para a realização dessa análise: na primeira etapa, é construída uma matriz, na qual se explicita o grau de consenso do grupo na construção de respostas verbais; na segunda etapa, são sistematizados os elementos da linguagem não verbal que complementam o sentido da linguagem verbal; na terceira etapa, são elaboradas representações visuais dos dados por meio de diagramas de conjunto, a fim de documentar e monitorar padrões de resposta de possíveis subgrupos de interesse, ou ainda, enfocar alguma pergunta ou tópico específico. Por fim, na quarta etapa, Onwuegbuzie *et al.* (2009), ao revisitarem a proposição de Barton e Lazarsfeld (1955), sugerem o uso de quase-estatísticas, ou seja, a utilização de estatísticas descritivas que podem ser extraídas de dados qualitativos,

a fim de amparar o processo analítico.

Ao enumerarem fenômenos que só alcançam pleno sentido se considerados em grupo, Crabtree, Yanoshik, Miller e O'Connor (1993) e Onwuebuzie *et al.* (2009) discutem também a possibilidade de considerar variáveis de grupo, como é o caso de “consenso”, em paralelo com outras variáveis individuais. A variável “consenso”, por exemplo, é um fenômeno que, caso não seja compreendido à luz da dinâmica do grupo, não admite mensuração direta. Medir consenso no nível do grupo significa, portanto, ao mesmo tempo, identificar os indivíduos que contribuíram para esse consenso e como contribuíram. Isso justifica a recomendação para que, além de citações de verbalização feitas pelos participantes (como comumente são feitas no relato das análises de conteúdo e de discurso), sejam incluídas informações sobre a proporção de membros que fizeram parte do consenso de onde a categoria ou conteúdo surgiu. Além disso, devem ser especificadas também as visões divergentes (quando houver), bem como o número de participantes que não emitiram opinião.

### **Exemplo de Aplicação da Análise de Dados por Microinterlocuções**

A experiência de análise de dados em minigrupo focal que serviu de base para a elaboração deste artigo foi realizada como parte das atividades do doutorado da primeira autora e teve o objetivo principal de identificar e sistematizar indicadores de impacto do Mestrado Multidisciplinar em Desenvolvimento e Gestão Social (MMDGS) sobre o desempenho e a vida profissional dos egressos de turma formada em 2009. O objetivo aqui não é o de discorrer sobre os resultados da pesquisa, mas explorar aspectos metodológicos envolvidos nessa experiência de uso da análise de microinterlocução em apenas um minigrupo (três participantes) de egressos do referido mestrado profissional. O minigrupo girava em torno da seguinte questão-guia: Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das competências apresentadas? Para orientar a discussão dos participantes no grupo focal foi apresentada uma lista de 21 competências extraídas da análise documental. A título de ilustração serão explicitadas quatro dessas competências:

**(COMP.1)** Reconhecer as novas configurações dos territórios presentes nas estratégias de desenvolvimento que integram Estado, formas organizadas da sociedade civil e organizações empresariais.

**(COMP.2)** Atuar em recortes territoriais de escalas variadas (da esfera microlocal à esfera internacional/global).

**(COMP.3)** Fortalecer o dinamismo da produção de bens e serviços nos territórios onde atuem.

**(COMP.4)** Atuar nos impasses do desenvolvimento local e regional que estão fortemente impactados pela conjuntura de globalização financeira e urbanização internacional, nacional e local.

Algumas adaptações foram feitas na proposta de Onwuegbuzie *et al.* (2009), de tal forma a contemplar as especificidades do estudo em questão. Foram realizadas seis etapas: na primeira, procedeu-se à transcrição literal do minigrupo; na segunda, diversas leituras e audições flutuantes do registro coletado; na terceira, foi discutida a categorização dos conteúdos emergentes e aspectos da comunicação não verbal que fortalecia ou não a comunicação verbal; e, na quarta etapa, foi feita a análise de microinterlocuções e a discussão comparada dos elementos analisados. A quinta etapa destinou-se ao uso de quase estatísticas e a sexta etapa à apresentação do diagrama de Venn. Cada etapa será apresentada com mais detalhes, a partir da orientação proposta por Onwuegbuzie *et al.* (2009), para, em seguida, ilustrar com o exemplo do MMDGS.

**Quadro 2** - Exemplo de transcrição que leva em conta também comportamentos não verbais

Questão-guia: Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das 21 competências apresentadas?

Verbalizações	Codificações
Part.1: Hum, bom (pausa, 3 s – PH)...o Mestrado (pausa 2s – PH), provocou em mim um efeito (pausa 2s – PH), muito (pausa 2s – PE), transformador. (pausa 5s – PE), o social (pausa, 3 s – PH), a dimensão do social implica numa (pausa, 3 s – PH) abordagem tão múltipla de aspectos (...) (P.1, linhas 169 a 172).	PH – pausa hesitativa (Tempo de pausa antes ou depois de uma hesitação) PE – pausa explicativa (Tempo de pausa antes ou depois de uma explicação)
Part.3: Sim, eu já vi também (falando ao fundo com Part. 3- C - 8 segundos de pausa). (P.3, linha 91). Part.3: Vamos deixar com Part.2 que já começou, né? (ID com Part. 1). (P.3, linha 93).	C – consenso (Dar o consentimento, expressar convergência de opiniões) ID – interação direta (Buscar interação com outro complementando sua fala ou direcionando-lhe a palavra).

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

***Etapa 1. Transcrição Literal do Material a Ser Analisado***

A transcrição literal é aquela na qual todo conteúdo deve ser transcrito, seja ele originariamente de áudio ou vídeo. Ao se transcrever com vistas à realização de análises mais rigorosas, tal como a análise de microinterlocução, deve-se atentar para a transcrição não só do conteúdo verbalmente apresentado pelos participantes, mas também de todos os elementos da linguagem não verbal que tenham se manifestado.

A criação de um arquivo com metadados e de outro com dados relativos à data de realização, detalhes biográficos dos entrevistados e objetivos da realização do grupo focal são sugeridas por Gibbs (2009). Esse mesmo autor alerta também para a necessidade de numerar as linhas do arquivo, a fim de facilitar a localização das verbalizações.



Fruto das transcrições do minigrupo realizado no MMDGS, surgiu um arquivo de 53 páginas, com linhas numeradas e no qual as falas dos participantes foram identificadas por cores e siglas. O Quadro 2 que segue apresenta um fragmento de transcrições em que são destacadas as verbalizações (o que foi dito por dois participantes - P1 e P3) e elementos da microinterlocução (comportamentos não verbais) associados a tais verbalizações, sinalizando haver pausas (hesitativas ou explicativas), consenso e interação direta.

Ressalta-se que a escolha dos elementos codificadores utilizados ocorreu a partir de análise de Onwuegbuzie *et al.* (2009), a qual registra a importância desses elementos na compreensão do discurso de participantes de grupos focais. A transcrição do minigrupo focal foi feita pela própria pesquisadora mediante escuta direta dos áudios e registro fiel dos dados em texto. Não obstante tal fato, percebe-se o uso crescente de análises qualitativas e métodos mistos, sendo que muitos já fazem uso de *softwares* nessa etapa; orientações e tendências a esse respeito podem ser vistas em Evers (2011).

### ***Etapa 2. Leituras e Audições Flutuantes***

Depois de todo o material transcrito, foram realizadas leituras e audições flutuantes, a fim de identificar e corrigir possíveis erros, bem como refinar os registros não verbais.

### ***Etapa 3. Classificação dos Temas e Conteúdos Emergentes e Articulação da Comunicação Não Verbal***

Essa etapa, comum a outros tipos de análises qualitativas é o momento propício para codificar os temas e conteúdos emergentes. Segundo Gibbs (2009), nessa fase, são criados códigos, não apenas descritivos, mas também analíticos e teóricos; por isso, essa etapa é comumente chamada de categorização temática, porque envolve a identificação de temas e conteúdos comuns que permitem simplificar os dados em um menor número de unidades. A codificação é uma forma de indexar o texto que emerge das transcrições e estabelecer uma estrutura de ideias temáticas.

Por vezes, o nome adequado a ser dado aos elementos da estrutura de conteúdo que emerge gera dúvidas entre pesquisadores. Alguns sustentam que devem ser chamadas de categorias (BARDIN, 2002), outros, de temas (KING, 2004) e ainda outros de códigos ou índices (GIBBS, 2009). Neste estudo, optou-se pela denominação “categoria” como referência ao conjunto de conteúdos emergentes que permite agrupar elementos obedecendo a uma estrutura lógica.

Ressalta-se que a questão-guia formulada para o grupo focal e considerada para as análises deste artigo pode ser enunciada da seguinte maneira: “Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das competências apresentadas?” Diante da necessidade de sistematizar as contribuições realizadas à indagação proposta, a organização das atividades de análise foi dividida em 10 passos:

- 1) Identificação dos conteúdos emergentes;
- 2) Seleção das verbalizações significativas dos conteúdos emergentes;
- 3) Análise de convergências e divergências das falas dos participantes;
- 4) Classificação taxonômica das verbalizações;
- 5) Criação de categorias para representação dos conteúdos emergentes;
- 6) Análise da contribuição da categoria encontrada para o tópico guia proposto;
- 7) Marcação das categorias em consenso e em dissenso;
- 8) Síntese individual das contribuições de cada participante;
- 9) Síntese das contribuições do grupo;
- 10) Produção de quadro-resumo desta etapa.

O primeiro passo foi marcado pelo reconhecimento dos conteúdos advindos da fala dos participantes. Nesse momento, foi criado um arquivo em separado, no qual os elementos da linguagem não verbal foram retirados, a fim de não influenciar a leitura e tornar o arquivo menos poluído visualmente. Num segundo momento, os conteúdos foram reconhecidos, juntamente com as verbalizações que os dotariam de sentido. É muito comum no uso da linguagem que a fala seja adjetivada e permeada de elementos que contribuem para a expressão oral, e tais elementos devem ser devidamente identificados e separados. Um conteúdo, por sua vez, deve ser entendido como a menor unidade da fala do participante dotada de sentido. É equivalente ao que se pode chamar de expressões-chave no contexto da teoria das representações sociais. Nesse momento, ainda se respeita a literalidade textual, ou seja, destacam-se os elementos que estão presentes na fala do participante.

O Quadro 3, apresenta exemplos de identificação de conteúdos a partir da verbalização dos participantes e ilustra os procedimentos realizados nesses dois primeiros passos da identidade dos conteúdos.

**Quadro 3** - Exemplos de identificação de conteúdos a partir da verbalização dos participantes.

Verbalizações	Conteúdos Emergentes Expressão-chave
"os <u>instrumentos</u> de política pública para o desenvolvimento social, são muito velhos, são muito arcaicos, são muito paternalistas", (P.1, v.1);	Instrumentos
"acho que é a coisa da <u>interface</u> [...] interface com a Gestão Social, interface com a própria Gestão Pública, e isso não ficava assim definida.", (P.2, v.1).	Interface
"assumir uma <u>posição diferente</u> do que eu faço, do que eu trabalho, de como eu vejo a gestão social", (P.3, v.2);	Posição diferente

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

**Quadro 4** - Ilustração do 4º passo da etapa de categorização, tendo como exemplo a categoria ACSGS (Ampliação dos Conhecimentos sobre Gestão Social).

Conteúdos e verbalizações identificadas		Domínio e classificação de cada verbalização	Lista de Competências Apresentadas (Tópico-guia)
Participante 1	"os <u>instrumentos</u> de política pública para o desenvolvimento social, são muito velhos, são muito arcaicos, são muito paternalistas", (v.1);	Cognitivo/Avaliação	COMP. 1 Cognitivo/Avaliação "Reconhecer as novas configurações dos territórios presentes nas estratégias de desenvolvimento que integram Estado, formas organizadas da sociedade civil e organizações empresariais."
	"as <u>instituições</u> envelheceram muito, as instituições que lidam com essas questões sociais.", (v.2);	Cognitivo/Avaliação	
	"a <u>dimensão do social</u> implica numa abordagem [...] múltipla de aspectos", (v.3);	Cognitivo/Análise	
	" <u>momento</u> de revolução do conhecimento, de interesses" (v.4);	Cognitivo/Compreensão	
Participante 2	"uma concepção de <u>direitos humanos</u> ", (v.1);	Cognitivo/Avaliação	COMP. 15 Cognitivo/Síntese Sistematizar práticas de desenvolvimento e gestão social, reconhecendo instrumentos e saberes (lições e ensinamentos) relacionados a elas.
	"Gestão Social, que é o <u>desenvolvimento local, é da cidadania</u> [...] independente do espaço geográfico onde você esteja", (v.2);	Cognitivo/Síntese	
Participante 3	"começa a perceber [...] a <u>função e o papel</u> do estado", (v.1).	Cognitivo/Avaliação	
	"o mestrado tá muito focado nesse <u>papel nobre</u> e maior de todo o serviço público, maior de todos: o Estado", (v.2);	Cognitivo/Análise	
	"criar uma <u>fronteira</u> do que seria a gestão social", (v.3).	Cognitivo/Síntese	

ACSGS: Indica quanto o curso contribuiu para a ampliação dos conhecimentos dos participantes sobre Gestão Social.

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

O terceiro passo é a análise das divergências e convergências das falas dos participantes, de tal forma que se tenha um panorama transversal da contribuição de cada participante, considerando o conteúdo que ele fez emergir. O quarto passo é uma adaptação da proposta inicial de análise de grupos focais e atende às peculiaridades da avaliação de impacto de programas educacionais, a qual se ampara, em grande medida, na literatura de sistemas instrucionais. O processo de avaliação do mestrado profissional foi desenhado a partir do referencial de objetivos instrucionais. Em sendo assim, este quarto passo consiste em classificar os conteúdos de verbalizações dos participantes relativos ao desenvolvimento das 21 competências em três domínios de aprendizagem: cognitivo, afetivo e psicomotor (BLOOM *et al.*, 1979). A título de esclarecimento, far-se-á breve descrição de cada um desses domínios. O domínio cognitivo diz respeito à aprendizagem intelectual. Seus níveis de desenvolvimento possuem seis categorias crescentes em complexidade: conhecimento (memorização), compreensão (elaboração simples), aplicação (usar corretamente a informação), análise (decompor a informação e inter-relacionar), síntese (aglutinar níveis anteriores e produzir algo novo) e avaliação crítica (amplo julgamento). O domínio afetivo abrange aspectos de incorporação de valores e disposições emocionais e atitudinais. Seus níveis de desenvolvimento possuem cinco categorias crescentes em complexidade: receptividade (aquiescência), resposta (ação congruente com o valor), valorização (importância dada ao valor), organização (compara e prioriza o valor em relação aos demais) e internalização de valores (incorporação completa do valor que passa a orientar a vida pessoal). O domínio psicomotor envolve habilidades físicas, motoras e coordenação muscular na execução de tarefas com o objetivo de automatização. Seus níveis de desenvolvimento possuem cinco categorias crescentes em complexidade: percepção (atenção aos movimentos), posicionamento (ajusta-se e ajusta o ambiente para iniciar os movimentos), execução acompanhada (execução ainda hesitante), mecanização (execução completa e sem erros) e domínio completo dos movimentos (execução automática).

O Quadro 4 (pág. anterior) ilustra a referida etapa de classificação taxonômica, considerando como exemplo a categoria de amplo consenso nomeada “Ampliação dos Conhecimentos sobre Gestão Social”.

Em que pese tal escolha, no escopo deste trabalho, é indispensável identificar o paralelismo existente entre as verbalizações (proferidas pelos participantes), os conteúdos (provenientes de análise) e as competências (compreendidas como indicadores de conhecimentos, habilidades e atitudes contidos nos conteúdos emergentes das verbalizações dos participantes).

Após esse momento, as categorias podem ser nomeadas, com um rótulo que as organize (5º passo). Na Figura 4, será apresentado quadro contendo a síntese das referidas etapas. Nele, podem ser identificados os conteúdos emergentes no minigrupo, para a primeira questão-guia apresentada, sendo que tanto as contribuições do grupo, quanto as contribuições individuais nesse momento da categorização já podem ser visualizadas.

O grupo reconheceu por pleno consenso (ou seja, todos os membros mencionaram essa categoria em suas falas e suas contribuições convergiram no mesmo sentido) a: a) Ampliação dos Conhecimentos sobre Gestão Social (ACSGS); b) Mudança de Atitude na Atuação

Profissional (MAAP); c) Integração dos Conhecimentos Diversos (ICD).

No que diz respeito ao Grau de Contribuição Manifesto (GCM) e à Abertura para a Diversidade (APD), houve consenso parcial, ou seja, todos os participantes mencionaram essa categoria, no entanto, apenas dois tiveram contribuições que convergiram no mesmo sentido. Uma das categorias obteve consenso lateral, o que significa dizer que foi mencionada apenas por dois participantes que tiveram posicionamentos convergentes acerca dela. Trata-se da categoria Superação das Barreiras de Aprendizagem (SBA). Como contribuições individuais, surgiram quatro categorias: Atuação nos Recortes Territoriais (ART) e Desenvolvimento de Projetos Sustentáveis (DPS), contribuição do Participante 1 (P1). Desenvolvimento de Projetos na Administração Pública (DPAP), contribuição de Participante 2 (P2) e Interlocação com Outros Atores (ICOA) contribuição de Participante 3 (P3).

**Quadro 5** - Exemplo de identificação de categorias criadas a partir da verbalização dos participantes, proveniente do minigrupo focal.

Participante	Categorias			Contribuições Individuais
	Amplio Consenso	Consenso Parcial	Consenso Lateral	
P.1	ACSGS, MAAP, ICD	GCM e APD	SBA	ART, DPS
P.2				DPAP
P.3				ICOA

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011)

**Quadro 6** - Elementos da categorização de conteúdo identificados na fala de cada participante de minigrupo focal, associado à questão-guia da discussão do grupo.

Momentos do Grupo Focal	Participante 1 (P1)	Participante 2 (P2)	Participante 3 (P3)	Síntese do Grupo
Questão-guia	Categorias criadas e verbalizações de P1:	Categorias criadas e verbalizações de P2:	Categorias criadas e verbalizações de P3:	
Nesta coluna, as questões ou tópicos-guia devem ser registrados	Sugere-se que as categorias, verbalizações e a classificação taxonômica das mesmas sejam relacionadas em uma mesma matriz, de tal forma que, ao se fazer a leitura das colunas, se possa ter uma visão global da contribuição de cada participante e, ao se fazer a leitura das linhas, se possa ter um panorama completo da contribuição do grupo, para cada questão de foco apresentada.			
Síntese Individual				

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

Após serem categorizados e classificados os conteúdos emergentes, restava organizar as contribuições dos indivíduos e as do grupo e sumariá-las (passos 8 a 10). Nesse momento, é importante lembrar que existem dados a serem abordados em dois níveis, ou seja, o foco da análise já deve considerar tanto o particular (as verbalizações) quanto o compartilhado

(as categorias), entre o individual (contribuições de cada indivíduo) e o coletivo (elementos suscitados pelo grupo).

A orientação metodológica proposta por Onwuegbuzie *et al.* (2009) acerca desse momento é o uso de matriz para síntese dos conteúdos, tal qual exposto no Quadro 6, o qual se segue (no Apêndice A, o referido quadro é apresentado com todos os dados preenchidos).

Essa etapa de categorização foi destinada à parte verbal das contribuições advindas do minigrupo focal. A etapa 4 será destinada ao paralelo que pode ser estabelecido entre elementos não verbais e verbais de análise.

#### ***Etapa 4. Análise dos Elementos Não Verbais Recorrentes***

Alguns desenhos de pesquisa, dadas as variáveis incluídas em seu escopo, de fato, têm, na linguagem proxêmica e nos elementos não verbais, elementos centrais de suas análises. Não é esse o caso do minigrupo focal que ilustra este artigo. Sob o contexto da reflexão aqui proposta, os elementos não verbais aqui analisados vieram da recorrência de sua manifestação, emergindo como variáveis características do próprio minigrupo. Tais elementos podem ser observados no Quadro 7, o qual foi construído a partir do terceiro, a fim de orientar a análise não verbal.

**Quadro 7** - Elementos de Análise não verbal e codificações que foram empregados na análise do minigrupo focal.

<b>Elemento de Análise</b>		<b>Abreviatura</b>
<b>Consenso:</b>	Dar o consentimento, expressar convergência de opiniões.	<b>C</b>
<b>Dissenso:</b>	Expressar opinião divergente e em contraste com outra.	<b>D</b>
<b>Interação direta:</b>	Buscar interação com outro, complementando sua fala ou direcionando-lhe a palavra.	<b>ID</b>
<b>Pausa explicativa</b>	Tempo de pausa antes ou depois de uma explicação.	<b>PE</b>
<b>Pausa hesitativa</b>	Tempo de pausa antes ou depois de uma hesitação.	<b>PH</b>
<b>Pausa exemplificativa</b>	Tempo de pausa antes ou depois de uma exemplificação.	<b>PEX</b>

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

Como o propósito deste artigo é apenas exemplificar o uso da análise de microinterlocuções, optou-se por focar as discussões e verbalizações concernentes somente à primeira questão-guia: Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das competências apresentadas? Os elementos não verbais identificados nesse momento podem ser observados no Quadro 8.

**Quadro 8** - Exemplos de Elementos do Comportamento não verbal identificados na fala de cada participante de minigrupo focal, associado à questão-guia da discussão do grupo.

Questão-guia	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Síntese do Grupo
Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das competências apresentadas?	PH169, PH170, PE170, PE170b, PH171, PH172, PH174, ID (1-3), C174, PE176, PEX177, PH177, PH178, PH179, PH180, PH181, PE183, PH185, PEX185, PH186, PH187, PH187b, PE188, PE188b, PE191, PH193, PH195, PEX198, PH199, PE203, PH208, PE209, PE212, PEX216, PE217, PH220, PE221, PH223, PE226, PE229, PH231, PH235, PH237, ID (1→MP), ID258(1→MP), ID276(1→MP), ID289(1→3), ID296(1→3), ID317 (1→3), ID 325 (1→G)	PH 95, PE106, ID290, ID303 (2→3), C312, C320, PEX326, PH329, PH330, PE334, PH335, PH337, ID/C338, PH347, PE348, PE352, PH354, PH355, PE 356, PH357,	PH117, PH119, PE127, PH133, PE137, PEX142, PE147, PE153, PH156, PEX156, PE157, PH159, PE159, ID263, ID264, C266, PH282, PE286, PH287, PH288, PH290, PE292, PH293, ID/C298 (3→G), ID299 (3→G), PH307, PE318, PH315,	C = 6 ID = 15 PE = 29 PH = 44 PEX = 5
Síntese Individual	C = 1, ID = 8, PE = 15, PH = 24, PEX = 3	C = 3, ID = 3, PE = 5, PH = 9, PEX = 1	C = 2, ID = 4, PE = 9, PH = 12, PEX = 1	
Conclusão qualitativa	Pausas hesitativas e explicativas marcam a resposta do participante 1.	Interação e consentimento se equilibram na resposta do participante 2.	Pausas hesitativas e explicativas marcam a resposta do participante 3.	Pausas hesitativas e explicativas marcam a interlocução do grupo, o que permite inferir que a pergunta suscita comportamento reflexivo entre os participantes 1 e 3 de modo mais evidente.

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011).

O Quadro acima apresenta os registros verbais e não verbais dos três participantes a partir da questão-guia. Os três participantes ofereceram contribuições distintas individualmente. O Participante 1 apresentou mais inflexões em sua contribuição e teve sua participação

marcada por elevado número de pausas hesitativas e explicativas (PH e PE). Em sentido contrário, em termos de manifestação de consenso (C), esse participante foi o que menos acordou com os demais participantes, ainda que tenha sido o que mais interagiu com o moderador principal (1→MP), com o participante 3 (1→3) e com o grupo (1→G).

A demarcação de elementos não verbais nas interlocuções permitiu perceber a postura reflexiva dos participantes, associados com os conteúdos emergidos, e apresentou elementos que sublinhassem temas confluentes.

Quadro 9. Resumo das contribuições individuais e do grupo

Questão-guia	Sínteses	P1	P2	P3
Quanto o MMDGS contribuiu para o desenvolvimento das competências apresentadas?	Elementos não verbais	C = 1, ID = 8, PE = 15, PH = 24, PEX = 3	C = 3, ID = 3, PE = 5, PH = 9, PEX = 1	C = 2, ID = 4, PE = 9, PH = 12, PEX = 1
	Sínteses Individuais	P1 ressalta que o MMDGS em muito contribuiu para a ampliação dos conhecimentos sobre o social e sua gestão, destaca a ampliação da compreensão nessa esfera. Também analisa e avalia a diversidade de instituições e instrumentos existentes nessas áreas.	P2 enfocou, de maneira a sintetizar suas percepções acerca da gestão social, que está associada ao desenvolvimento local e ao desenvolvimento da cidadania. Tal síntese se faz coerente com a avaliação de GS como um elemento da área de Direitos Humanos.	Para P3, a ampliação dos conhecimentos sobre a gestão social ocorre pelo questionamento das fronteiras do que é gestão. Analisa que o curso foi muito focado no papel do Estado.
<b>Síntese do grupo</b>				
C = 6 ID = 15 PE = 29 PH = 44 PEX = 5				
A categoria em questão obteve pleno consenso e foi positivamente avaliada por todos os participantes do grupo. Dessa forma, o MMDGS contribuiu para a "Ampliação dos Conhecimentos sobre Gestão Social". A referida categoria foi identificada a partir de nove verbalizações e ficou caracterizado que os participantes ampliaram seus conhecimentos sobre gestão social ao compreenderem que o momento social vivido é revolucionário, em termos de conhecimentos e interesses em toda a sociedade e que a gestão social trabalha com esses elementos e agrega outros tantos relativos ao desenvolvimento local e desenvolvimento da cidadania, de tal forma a criar uma fronteira do que é gestão social. Além disso, os participantes reconheceram que o MMDGS muito contribuiu em termos de competências avaliativas, de tal forma que a dimensão social da gestão social, os instrumentos, as instituições e o próprio papel do Estado, como um ente maior nesse cenário de Direitos Humanos, pudessem ser avaliados. As competências relacionadas a essa categoria podem ser paralelizadas com as competências 1 e 15 do curso.				

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011)

Para sintetizar, o Quadro 10 apresenta, de modo resumido, os passos propostos para



adequada categorização de conteúdos.

Nessa quarta etapa, também foi feita uma adaptação em relação à proposta de análise de grupos focais de Onwuegbuzie *et al.* (2009). Segundo a proposta desses autores, os elementos de análise advindos da comunicação proxêmica deveriam ser estabelecidos previamente, sendo que o processo de análise revelaria a recorrência e dispersão desses elementos no conjunto de dados coletados. No caso estudado, entretanto, os comportamentos não verbais analisados são provenientes da realização da etapa três.

### ***Etapa 5. Análise de Microinterlocuções e Discussões Comparadas***

Esta etapa consiste na sistematização dos dados provenientes tanto da análise dos elementos verbais quanto dos não verbais, explicitados nas etapas anteriores. Nesse momento de síntese, a identificação dos participantes, as contribuições envolvidas com a construção dos conteúdos e os elementos não verbais recorrentes precisam ser identificados, pois constituem os elementos de microinterlocução.

Em termos metodológicos, sugere-se que os Quadros acima sejam devidamente sobrepostos e analisados em conjunto, à luz da síntese que geraram, tal como exposto no Quadro que segue.

**Quadro 10** - Resumo dos passos para a elaboração de categorias.

Níveis de Consenso	Participantes	Verbalizações	Classificação quanto ao Domínio	Categorias		Sínteses
Amplo Consenso	Registro dos participantes que contribuíram em cada categoria	Número de Verbalizações de cada participante por categoria	Cognitivo Afetivo Psicomotor	Nome de cada categoria	Definição de cada categoria	Do Grupo
Consenso Parcial						
Consenso Lateral						
Contribuições Individuais				Individual		

Fonte: Elaboração própria

Obs: A coluna de classificação varia conforme o referencial teórico adotado no estudo.

### ***Etapa 6. Sistematização de Quase-Estatísticas***

Nessa etapa, deve-se contabilizar e criar um quadro comparativo das quase-estatísticas

usadas na análise (proporção de consensos, dissensos, pausas, etc.). Os autores Onwuegbuzie *et al.* (2009) registram que o uso de quase-estatísticas em análises de dados foi proposto por Barton e Lazarsfeld (1955) e que essas se referem ao uso de estatísticas descritivas que podem ser extraídas a partir de dado qualitativos.

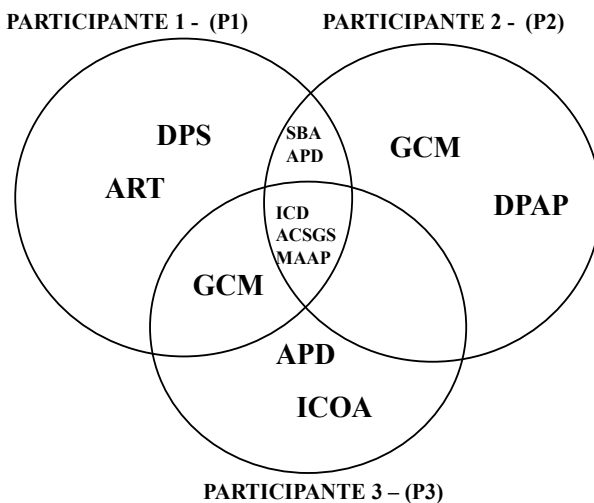
### **Etapa 7. Representação em Diagramas**

A Representação em “Diagramas de Venn” deve ocorrer após a identificação dos elementos da microinterlocução, tal qual expostos em etapas anteriores. Segundo Onwuegbuzie *et al.* (2009), esse passo é importante na análise da microinterlocução, pois oferece uma representação gráfica dos elementos categorizados nas matrizes e cria uma representação visual da dispersão dos dados encontrados.

O referido diagrama pode auxiliar na documentação e monitoramento das respostas e na percepção de padrões dos subgrupos de interesse na população estudada (por exemplo: grupos de homens e mulheres, segmentados por idade, por etnia), ou mesmo por perguntas utilizadas como questões ou tópicos-guia, como o realizado neste estudo.

A Figura 1 ilustra o Diagrama de Venn, com as categorias que emergiram das discussões da primeira questão do minigrupo focal.

**Figura 1 - Diagrama de Venn**



Fonte: Dados de pesquisa de campo (2011)

Na Figura acima, é fornecido um exemplo comparativo com o uso do Diagrama, no qual se pode perceber a dispersão das categorias de conteúdo que emergiram. Nessa figura, foi evidenciada que apenas três categorias foram de consenso dos três participantes (ICD, ACSGS e MAAP) e que houve uma dispersão equilibrada quanto às categorias que surgiram como contribuições individuais, visto que não houve disparidade de contribuições.

Além desses dados, consensos laterais também podem ser observados, ou seja, foi possível perceber que os três participantes, formaram consensos entre si, dois a dois e, por vezes, os três juntos.

Considerando que essa atividade se realizou no contexto de uma pesquisa sobre avaliação de impacto de Mestrado Profissional sobre o desempenho dos egressos, os resultados encontrados fomentaram análises do referencial teórico de origem e identificação de lacunas existentes nesse contexto teórico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma alternativa para análise de dados em grupos focais foi apresentada neste artigo. O ponto de partida foi a percepção de que a análise de microinterlocuções pode auxiliar na identificação, sistematização e análise de comportamentos verbais e não verbais que ocorrem em grupos focais e, com isso, integrar níveis de análise distintos em um mesmo escopo analítico. Pode-se perceber que pressupostos epistemológicos distintos norteiam esse tipo de análise integrativa de comportamentos verbais e não verbais e constitui ponto de convergência de autores defensores do uso de métodos mistos de análise (CRESWELL, 2007). A análise de microinterlocuções de Onwuegbuzie *et al.* (2009) foi usada no exercício de análise de um minigrupo focal, discutida e adaptada. A proposta conta com maior rigor metodológico que propostas anteriores e pode contribuir para estudos de desenhos mistos.

O artigo atende a três demandas metodológicas. A primeira é a da apresentação de um exemplo de análise integrada de verbalizações e comportamentos não verbais em grupos focais. A segunda é a da identificação e sistematização, de forma integrada, níveis de análise individual e grupal. A terceira é a utilização de diagramas e quadros-resumo como facilitadores e integradores dos dados provenientes de diferentes fontes humanas, o que possibilita identificar a força do consenso e do dissenso, um dos principais objetivos dos grupos focais.

Certamente outras tantas lacunas permanecem e exigem esforços dos pesquisadores: a estruturação de análise de interlocuções em grupos maiores; o uso de *softwares* de análise de dados qualitativos associados a essa abordagem; os mecanismos de aprimoramento de representações gráficas dos resultados usando, por exemplo, mapas cognitivos; a aplicação de análise de microinterlocuções em estudos multiníveis.

## **REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARTON, A. H.; LAZARSELD, P. F. Some functions of qualitative analysis in social

research. **Frankfurt Beiträge zur Soziologie**, p. 321-361, 1955.

BLOOM, B. S.; ENGELHART, M. D.; FURST, E. J.; HILL, W. H.; KRATHWOHL, D. R. **Taxonomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Porto Alegre: Globo, 1979.

COLLINS, P. Negotiating Selves: reflections on 'Unstructured Interviewing'. **Sociological Research Online**, v. 2, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.socresoline.org.uk/socresoline/3/3/2.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

CRABTREE, B. F.; YANOSHIK, M. K.; MILLER, W. L.; O'CONNOR, P. J. Selecting Individual or Group Interviews. In: MORGAN D. (ed). **Successful Focus Groups: Advancing the State of the Art**. Newbury Park, CA: Sage Publications, p. 137-149, 1993.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, N. **Interpretative Ethnography**: Ethnographic Practices for the 21<sup>st</sup> Century. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.

EVERS, J. C. From de the Past into the Future. How Technological Developments Change Our Ways of Data Collection, Transcription and Analysis. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, p. 1-31, 2011.

FERN, E. F. **Advanced focus group research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTANA, A.; FREY, J. The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.). **Handbook of qualitative research** (2. ed.). London: Sage, p. 645-672, 2000.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIBBS, G. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-162, 2003.

GONDIM, S. M. G.; ARAÚJO, S. F. Focus Group. In: KEITH, K. (ed.). **The Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology**, v. 1, p. 556-560, 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/book/10.1002/9781118339893/homepage/editor.htm>>

GONDIM, S. M. G.; FISCHER, T. O discurso, a análise do discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. **Cadernos Gestão Social**, v. 2, n. 0, p. 9-26, 2009.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J. Mixed methods research: A research paradigm whose time has come. **Educational Research**, v. 33, n. 7, p. 14-26, 2004.

KING, N. Using templates in the thematic analysis of text. In: CASSELL, C.; SYMON,

G. (ed.). **Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research**. London: Sage, p. 74-86, 2004.

KRUEGER, R. A. **Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

\_\_\_\_\_; CASEY, M. A. **Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research** (3. ed.). Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

\_\_\_\_\_; CASEY, M. A. Focus Group Interviewing. In: WHOLEY, J.; HATRY, H. E.; NEWCOMER, K. E. **Handbook of Practical Program Evaluation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2010.

LIAMPUTTONG, P. **Focus Group Methodology: Principle and Practice**. San Francisco: Sage, p. 2-14, 2011.

MCDONALD, S.; DANIELS, K.; HARRIS, C. Cognitive Mapping in Organizational Research. In: CASSELL, C.; SYMON, G. (ed.). **Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research**. London: Sage, p. 74-86, 2004.

MORGAN, D. L. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series**. London: Sage Publications, v. 16, 1997.

MORGAN, D. L. Focus group interviewing. In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (ed.). **Handbook of interview research: Context & methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, p. 141-159, 2001.

ONWUEGBUZIE, A. J.; DICKINSON, W. B.; LEECH, N. L.; ZORAN, A. G. A Qualitative Framework for Collecting and Analyzing Data in Focus Group Research. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 8, n. 3, p. 1-21, 2009.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. **Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2003.

WILKINSON, S. Focus group research. In: SILVERMAN, D. (ed.), **Qualitative research: Theory, method, and practice**. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 177-199, 2004.

**Daniela  
Borges Lima  
de Souza**

Professora Associada do Centro Universitário IESB - Brasília e professora adjunta do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB. Atua na graduação nos cursos de Psicologia e Direito. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. Áreas de investigação e docência: Avaliação de Programas e Projetos Sociais, Gestão Social, Educação Profissional, Mestrados Profissionais, Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia Jurídica e Medidas Sócio-educativas, Pesquisas multimétodos.

**Sônia Maria  
Guedes  
Gondim**

Professora Associada do Instituto de Psicologia da UFBA. Atua na graduação e pós-graduação no Instituto de Psicologia e no Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da UFBA. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora Nível 2 do CNPq.

**Gardênia da  
Silva Abbad**

Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Mestre e Doutora em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Universidade de Brasília. Atua no programa de pós-graduação em Psicologia Social e do Trabalho - PSTO e no programa de pós-graduação em Administração da Universidade de Brasília. Pesquisadora 1C do CNPq.